

ANSIEDADE NOS ESTUDANTES DIANTE DAS AVALIAÇÕES E ATENDIMENTO ÀS EXPECTATIVAS

Anxiety in students facing the evaluations and attending expectations

Maria da Conceição Lopes de Lira

mcll@discente.ifpe.edu.br

Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti

janepalmeira@ipojuca.ifpe.edu.br

RESUMO

A ansiedade é definida como um mal-estar físico, psíquico, aflição e agonia, envolvendo componentes fisiológicos, comportamentais e cognitivos. Trata-se de um estado alarmante, podendo gerar consequências indesejáveis, como o baixo desempenho acadêmico em estudantes, por exemplo, em um processo avaliativo. Assim, o objetivo geral desse estudo foi verificar a relação entre a ansiedade diante das avaliações e a ansiedade pela preocupação em atender às expectativas nos estudantes. Dois instrumentos de análise foram utilizados: (1) Inventário de Ansiedade Frente a Provas (IAP), enquanto medida de ansiedade relacionada à preocupação, emoção, distração e confiança; e (2) o Inventário de Ansiedade Internamente e Externamente Causada (IAIEC) que avalia a ansiedade proporcionada pela preocupação de atender expectativas. De modo a complementar as informações, também foi utilizado um questionário sociodemográfico. Trata-se de um estudo correlacional, com corte transversal. Participaram do estudo 90 estudantes de cursos técnicos (modalidade subsequente) e dos cursos superiores do IFPE- Campus Ipojuca. A tabulação e análise dos dados foram computadas por meio do *software* IBM SPSS *Statistics* 23. Os resultados indicaram correlações significativas entre os fatores do IAP e do IAIEC. A variável emprego (estar ou não trabalhando) foi a que se correlacionou com mais fatores. As análises multivariadas (MANOVA) demonstraram resultados significativos do emprego com a emoção, preocupação, confiança, distração e causas externas. As médias das diferenças demonstraram que as pessoas que não estavam trabalhando foram mais prováveis em indicar a emoção, preocupação, distração e causas externas da ansiedade. Os que estavam trabalhando mostraram-se mais prováveis na confiança. A análise univariada (ANOVA) comprovou o fator preocupação como o mais provável de ansiedade frente a provas. Concluiu-se que as mensurações das escalas sugerem reações emocionais de ansiedade, sendo relacionada com a expectativa do desempenho das avaliações. Espera-se que os resultados do estudo possam contribuir para a comunidade acadêmica em termos de prevenção e melhoria da qualidade de vida e saúde mental dos estudantes, bem como fornecer dados científicos que possam ampliar a compreensão sobre o construto, além de favorecer a prática docente e a relação professor-aluno.

Palavras-chave: Ansiedade. Avaliações. Expectativas. Estudantes.

Instituto Federal de Pernambuco. *Campus* Ipojuca. Curso de Licenciatura em Química. (Aprovação do artigo em 14/07/2022).

ABSTRACT

Anxiety is defined as a physical, psychological discomfort, distress, and agony, involving physiological, behavioral, and cognitive components. It is an alarming state, which can generate undesirable consequences, such as low academic performance in students, for example, in an evaluation process. Thus, the general objective of this study was to verify the relationship between anxiety in the face of assessments and anxiety due to the concern to meet expectations in students. Two analysis instruments were used: (1) Test Anxiety Inventory (IAP), as a measure of anxiety related to worry, emotion, distraction, and confidence; and (2) the Internally and Externally Caused Anxiety Inventory (IAIEC), which assesses anxiety caused by the preoccupation with meeting expectations. To complement the information, a sociodemographic questionnaire was also used. This is a correlational, cross-sectional study. Ninety students from technical courses (subsequent modality) and higher education courses at IFPE - Campus Ipojuca participated in the study. Data tabulation and analysis were computed using the IBM SPSS Statistics 23 software. The results indicated significant correlations between the IAP and the IAIEC factors. The employment variable (being or not working) was the one that correlated with the most factors. Multivariate analyzes (MANOVA) showed significant employment results with emotion, worry, trust, distraction, and external causes. The averages of the differences showed that people who were not working were more likely to indicate emotion, worry, distraction and external causes of anxiety. Those who were working were more likely to trust. Univariate analysis (ANOVA) confirmed the worry factor as the most likely factor of anxiety in the face of tests. It was concluded that the measurements of the scales suggest emotional reactions of anxiety, being related to the expectation of the performance of the evaluations. It is hoped that the results of the study can contribute to the academic community in terms of prevention and improvement of the quality of life and mental health of students, as well as providing scientific data that can expand the understanding of the construct, in addition to favoring teaching practice and the teacher-student relationship.

Keywords: Anxiety. Assessments. Expectations. Students.

1 INTRODUÇÃO

Do ponto de vista emocional dos seres humanos, a ansiedade está associada às situações comuns, sendo compreendida como natural. Observa-se esta reação como uma resposta adaptativa do organismo, caracterizada por um conjunto de alterações fisiológicas, comportamentais e cognitivas, que se traduzem num estado de ativação e alerta face a um sinal de perigo ou ameaça à integridade física ou psicológica (RUIZ; CUADRADO; RODRIGUEZ, 2001). Por outro lado, a ansiedade pode ser considerada um transtorno mental quando causa consequências indesejáveis. Sua apresentação é distinta, sendo caracterizada por uma combinação de pensamentos, percepções, emoções e comportamento anormais, que também podem afetar as relações com outras pessoas (PAHO/OMS, 2018).

Dados estatísticos sobre a ansiedade têm apontado o número crescente de casos. Particularmente no Brasil, são observadas cerca 18,6 milhões de pessoas com ansiedade excessiva, ou seja, 9,3% da população. Este fato torna o país com o maior número de indivíduos que convivem com o transtorno, segundo a Organização Pan-americana da Saúde (PAHO/OMS, 2018). Ainda em 2018, esta referida instituição publicou um relatório com avaliações sobre os transtornos mentais nas Américas, o *The Burden of Mental Disorders in the Region of the Americas*. Neste, consta a indicação da ansiedade como a segunda condição mental, depois da depressão, com maior incidência de incapacidade. Do mesmo modo, destaca que o Brasil já havia recebido em 2017 o título de “país mais ansioso do mundo”. Recentemente, com a pandemia ocasionada pelo COVID-19, a saúde mental das pessoas alavancou para um escore elevado de casos clínicos envolvendo, principalmente, a ansiedade em decorrência das restrições sociais imposta para controlá-lo. Isto se reflete no Brasil, com a constatação do aumento significativo de casos de ansiedade e depressão (PILZ *et al.*, 2022).

No mundo contemporâneo, cada vez mais são vivenciadas demandas intensificadas no contexto acadêmico e no ambiente de trabalho. Tais demandas colocam em evidência as expectativas para se comprovar capacidade e eficiência diante das atribuições e atividades exigidas. Em vários momentos os indivíduos passam por cobranças de cunho pessoal e social, além das necessidades de competição que ocorrem tanto na vida escolar, vislumbrando o melhor desempenho

entre os colegas de turma, como na concorrência para uma vaga no mercado de trabalho. Portanto, a competição, a cobrança social e pessoal e a possibilidade de fracasso, podem tornar as situações das avaliações em um evento estressante e gerador de ansiedade (KARINO; LAROS, 2014).

De acordo com Carmo e Simionato (2012), estados de ansiedade envolvem reações fisiológicas desagradáveis, postura tensa, expressão facial cansada, dores de cabeça, distúrbios estomacais etc., bem como envolve componentes fisiológicos, comportamentais e cognitivos. Nesse sentido, os sintomas cognitivos dos transtornos de ansiedade refletem a apreensão e a preocupação sobre a condenação que o indivíduo antecipa. Por sua atenção está focalizada em desastres potenciais, a pessoa não presta atenção aos problemas reais e próximos, sendo desatenta e distraída. Com isso, o indivíduo pode não trabalhar e estudar de maneira adequada, sendo estabelecida uma relação clara entre o desempenho e ansiedade (KARINO; LAROS, 2014).

Sendo a ansiedade excessiva um dos fatores responsáveis pelo baixo desempenho escolar, pela baixa autoestima, bem como pela insegurança e medo de não atender às expectativas acadêmicas (VASCONCELOS *et al.*, 2015), supõe-se a importância nos estudos que possam verificar os níveis e a relação entre a ansiedade dos estudantes diante das avaliações e suas preocupações ao atendimento às expectativas. Neste sentido, o objetivo geral deste estudo foi verificar a relação entre a ansiedade diante das avaliações e a ansiedade pela preocupação em atender às expectativas em estudantes de cursos superiores e subsequentes. Especificamente, pretendeu-se (1) analisar a ansiedade diante das avaliações, sobretudo, a preocupação, emoção, distração e confiança dos estudantes; (2) averiguar a ansiedade proporcionada pela preocupação de atender expectativas dos estudantes; e (3) avaliar as características da correlação entre ansiedade e a busca de atendimento às expectativas dos discentes durante o processo avaliativo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A ANSIEDADE

Segundo Coutinho, Dias e Bevilaqua (2013), a ansiedade faz parte da condição humana e pode ser analisada ao longo da história a partir de diferentes perspectivas. Etimologicamente do grego *Anshein*, a ansiedade passou a ser relacionada à visão medicinal por volta do século IV a.C. No início acreditava-se que a doença tinha relação com possessão de deuses. Esta relação era semelhante ao que consideravam os egípcios, ou seja, com atribuição à possessão demoníaca. Dessa forma os rituais terapêuticos expulsavam o mal, restaurando a saúde ao que estava doente, afirma Viana (2010).

Frota *et al.* (2022) apontam que na antiguidade clássica, os estados afetivos (medo e fobia) que hoje são denominados de ansiedade, já eram abordados, por exemplo, por Aristóteles (384-323 a.C.) ao associá-la à doença, e por Cícero (106-43 a.C.) que fez uma distinção entre *ānxiētās*, que designava um estado contínuo de ansiedade e *angor*, que se referia a uma ansiedade momentânea. Os autores reforçam que após a Idade Média, em que o tema foi visto sob uma ótica religiosa, nos séculos XVIII e XIX, novas descrições foram estabelecidas com base no desenvolvimento do pensamento científico. Assim, a ansiedade era incluída geralmente dentro de outras categorias diagnósticas.

Segundo Viana (2010), enquanto patologia, a ansiedade surgiu na literatura médica a partir do século XIX, sendo descrita como conceito de neurose. Tal concepção prosseguiu a partir dos conceitos elaborados por Sigmund Freud, nos quais eventos específicos poderiam elucidar situações de perigo e traumáticas, em diferentes etapas da vida, podendo desencadear os mecanismos de defesa. Além disso, Freud diferenciou da neurastenia da nova síndrome chamada de neurose de ansiedade ou de angústia (*Angstneurose*), concebendo assim a ansiedade como uma síndrome independente (COUTINHO; DIAS; BEVILAQUA, 2013; CROCQ, 2015; FROTA *et al.*, 2022).

Portanto, a teoria de freudiana considerava a ansiedade como um processo adaptativo, sendo uma reação ao estado de perigo, cumprindo uma biológica a cumprir. Esse fato se equipara na teoria consolidada por Charles Darwin em relação a ansiedade, ao defini-la como a expectativa do sofrimento, combinado com a desesperança ou desespero (VIANA, 2010).

A partir do século XX, a ansiedade passou a ser inserida em manuais. Na sexta revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-6), foram inseridos

pela primeira vez os transtornos mentais. Como forma de suprir algumas lacunas da CID-6, a Associação Psiquiátrica Americana (APA) em 1952, publicou o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), embasado no desenvolvimento da Psicanálise e de situações patológicas observados durante as duas guerras mundiais (COUTINHO; DIAS; BEVILAQUA, 2013; VIANA, 2010).

Ao longo do tempo, foi possível constatar a alteração das denominações nos dois manuais, por exemplo, transtornos psiconeuróticos, relacionados à ansiedade e reação fóbica; neuroses; transtornos neuróticos, culminando atualmente em suas subdivisões: 1) transtornos fóbicos - agorafobia com ou sem ataques de pânico, fobia social e fobia simples; 2) estados de ansiedade - transtorno de pânico, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno obsessivo-compulsivo; e 3) transtorno de estresse pós-traumático (FROTA *et al.*, 2022).

2.2 CONCEITOS BÁSICOS E CONDIÇÕES PATOLÓGICAS DA ANSIEDADE

Gazzaniga, Heatherton e Halpern (2018) destacam que as emoções estão presentes na vida das pessoas para impulsioná-las a enfrentar as situações do cotidiano, podendo motivar a novas formas de enfrentamento de desafios e lidar com eventos futuros. Contudo, tais enfrentamentos podem gerar sensações de ansiedade mais elevadas. Por exemplo, ficar ansioso com o primeiro dia de trabalho, por ter desconhecimento do ambiente que vai enfrentar.

Assim, de um modo geral, por mais que haja uma relação da ansiedade com sensações negativas, trata-se a princípio de um estímulo natural para o processo de adaptação e evolução dos indivíduos, impedindo ou reduzindo ameaças e possíveis consequências. Sendo assim, refere-se a:

um estado subjetivo de apreensão ou tensão, difuso ou vago, frequentemente acompanhado por uma ou mais sensações físicas - por exemplo, aumento da pressão arterial, da frequência cardíaca, da respiração, urgência de micção ou defecação – induzido pela expectativa de perigo, dor ou necessidade de esforço especial (BRANDÃO, 2001, p. 145).

Um sentimento desagradável, associado à sensação de forma precipitada de adversidade, seja imediata ou futura, podem estar relacionadas ao estado de

ansiedade. Portanto, por ser uma resposta emocional, pode apresentar consequências fisiológicas, como tensão muscular e comportamentos de esquiva (APA, 2014). A ansiedade por estar relacionada a diversos fatores biológicos, psicológicos e sociais, podendo afetar o indivíduo de modo peculiar. Assim, é comum encontrar diferenças nos sintomas de acordo com o gênero e faixa etária das pessoas (SOARES; MARTINS, 2010).

No que se refere à estrutura biológica da ansiedade, Gazzaniga, Heatherton e Halpern (2018) destacam os conceitos de como o sistema nervoso opera. Os neurônios são unidades básicas do sistema nervoso, com o objetivo de receber, processar e transmitir informação a outros neurônios. O sistema nervoso pode ser elencado em dois sistemas: o nervoso central, integrando o cérebro e medula espinal; e o nervoso periférico que integra todas as células nervosas subjacentes ao cérebro e na medula espinal. Os autores acrescentam que oito neurônios são importantes para a pesquisa psicológica: acetilcolina, epinefrina, norepinefrina, serotonina, dopamina, GABA (ácido γ -aminobutírico), glutamato e as endorfinas. Assim, os neurônios que participam de forma a regular os comportamentos ansiosos, são as norepinefrina ou noradrenalina, serotonina, dopamina e GABA. A noradrenalina, engloba os estados de excitação e alerta, sendo habitualmente relacionada aos transtornos de ansiedade. A serotonina concerne os estados emocionais e a ansiedade é provocada quando este neurônio apresenta baixo nível. A dopamina integra várias funções cerebrais significativas, em destaque a motivação e recompensa. Já o GABA atua de forma inibitória no sistema nervoso, que, em contraste com os demais neurotransmissores, está presente em todo o sistema nervoso. Logo, o GABA interliga os fármacos de forma eficaz no abrandamento da ansiedade (BRAGA *et al.*, 2010).

No aspecto psicológico, a ansiedade é observada como uma condição que atinge de modo demasiado o ser humano, com distúrbios associados às reações do organismo diante de situações estimulantes, sendo um estado extremamente desgastante e acarretando o descontrole da vivência cotidiana (FERREIRA, 2020). As manifestações incluem aspectos cognitivos (atitudes negativas, ruminação preocupante, sentimentos de desamparo, baixa autoestima e autoeficácia etc.), sintomas afetivos (disforia), comportamentais (evitação ou pressa para terminar tarefas etc.). De tal modo, os comportamentos de evitação reduzem as

oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem (GUIMARÃES; HAASE; NEUFELD, 2021), além dos sentimentos negativos que podem impactar na estrutura de personalidade e nas percepções.

Do ponto de vista social, a ansiedade, principalmente nas suas versões fóbicas, pode levar o indivíduo a limitações em atividades coletivas e que exijam exposição. Um exemplo disso é o medo de falar em público, gerando um estresse psicossocial elevado, comum no Transtorno de Ansiedade Social (TAS). Nessas condições, o indivíduo pode apresentar falas com pausas mais longas e em maior quantidade. Também possuem sintomas ansiosos referentes ao medo exagerado de serem criticados, de sofrerem humilhações e que tendem a avaliar negativamente seu comportamento social. Ainda pode incluir o medo de utilizar banheiros públicos, falar com alguém que queira se relacionar amorosamente, bem como nas relações de trabalho e/ou estudo. Portanto, tende a ser uma condição incapacitante e não raro afeta as pessoas no grau de instrução, inserção do mercado de trabalho e número de relações interpessoais (MULLER *et al.*, 2015; FERNANDES *et al.*, 2017).

2.2.1 Características patológicas da ansiedade

A ansiedade enquanto patologia é caracterizada como transtorno, sendo movido por sensações emocionais de medo e ansiedade excessivos em conjunto com as perturbações comportamentais. O sentimento de medo surge como uma ameaça iminente real ou percebida, enquanto na antecipação de ameaça futura, tem-se a ansiedade (APA, 2014). Os dois estados permutam e não se assemelham; o medo se apresenta quando se tem um nível extremo de excitabilidade de forma extensiva e a ansiedade relacionada à tensão muscular.

Frota *et al.* (2022), ainda nessa linha, acrescentam que a síndrome ansiosa ou de ansiedade é composta por sintomas convencionalmente subdivididos em dois grupos: subjetivos e objetivos. Os primeiros, sentidos como experiência psicológica, incluem temor, preocupações emocionais, despersonalização etc. Os objetivos, ou somáticos, englobam, entre outros, dores abdominais, náuseas, vertigens, palpitações, boca seca (LÓPEZ-IBOR; LÓPEZ-IBOR, 2010).

Nesse sentido, para fins diagnósticos, são estabelecidos no DSM-5 (APA, 2014) os seguintes transtornos vinculados à ansiedade:

- *Transtorno de ansiedade de separação*: apreensão ou ansiedade quanto à separação das figuras de apego.
- *Mutismo seletivo*: caracterizado por fracasso consistente para falar em situações sociais, por exemplo, na escola.
- *Fobia específica*: gera apreensão, ansiedade ou esquiva de objetos ou situações como animais, ambiente natural, sangue-injeção-ferimentos, situacional etc.
- *Transtorno de ansiedade social*: também conhecido como fobia social, o indivíduo é temeroso, ansioso ou se esquiva de interações e situações sociais que envolvem a possibilidade de ser avaliado.
- *Transtorno de pânico*: ataques de pânico inesperados e recorrentes, com apreensão e preocupação pela possibilidade de sofrer novos ataques de pânico ou alterações em seu comportamento (por exemplo, esquiva de locais que não são familiares).
- *Agorafobia*: apreensão e ansiedade em situações usar transporte público, estar em espaços abertos ou fechados, estar no meio de uma multidão, entre outros.
- *Transtorno de ansiedade generalizada*: envolve vários domínios, incluindo desempenho no trabalho e escola, que o indivíduo encontra dificuldade em controlar.
- *Transtorno de ansiedade induzido por substância/medicamento*: ansiedade devido a intoxicação ou abstinência de substância ou a um tratamento medicamentoso.

Embora a ansiedade seja uma reação normal ao estresse, mas que envolve inquietação, dificuldade de concentração, distúrbios de sono, fadiga, tremores, dentre outros, Fernandes *et al.* (2017) fazem algumas considerações. Os autores ressaltam que esses sintomas podem incidir em consequências negativas à vida pessoal do indivíduo e à formação profissional, principalmente na observância de pessoas mais jovens, como estudantes. Deste modo, reforçam ainda que a ansiedade afeta a percepção motora e intelectual do jovem, além do que, os

Transtornos de Ansiedade produzem morbidade desordenada, uso de serviços de saúde e comprometimento do desempenho incomum. Tais evidências remetem à importância em se avaliar a ansiedade no ambiente acadêmico, como segue.

2.3 A ANSIEDADE DOS ESTUDANTES NO AMBIENTE ACADÊMICO

Os processos de aprendizagem são de grande relevância na vida de um estudante, sendo marcados por ciclos de mudanças no âmbito pessoal, social e familiar. Contudo, as adversidades diante das situações acadêmicas podem influenciar o desempenho do estudante, e assim abalar a sua saúde (SILVA, A. C. S. *et al.*, 2021). Esse contexto pode envolver a adaptação do estudante frente ao novo cenário de vivência, exigindo uma maior articulação com o ambiente físico e social. Conforme salienta Soares, Monteiro e Santos (2020), as demandas de atividades se diferem de acordo com a modalidade cursada. A propósito, os autores destacam que os processos de ensino e aprendizagem presentes, por exemplo, no ensino superior, como atividades de seminários e pesquisas, seguem na maioria das vezes uma dinâmica distinta do que se estava habituado no ensino médio.

Por conseguinte, a vivência de situações adversas como cobranças, avaliações, prazos, demandas acadêmicas e profissionais, podem ser fatores estressantes e desencadeantes de ansiedade (SANTOS *et al.*, 2021). Soares (2020) acrescenta que o gerenciamento desses desafios e exigências pode ser visto como algo estressante independente do período do curso que se está inserido. Deste modo, os processos cognitivos são preponderantes para o sucesso do desempenho escolar, sendo a ansiedade uma condição psíquica que pode interferir na conclusão exitosa dessa performance.

Seguindo essa linha de pensamento, Karino (2010) adverte que a ansiedade é uma das sensações vivenciadas pelos estudantes, sendo mais frequentes nas experiências de processos seletivos. Ou seja, apesar das avaliações serem uma circunstância comum na vida dos indivíduos, há uma relação evidente entre a ansiedade e o desempenho acadêmico dos estudantes em contextos de provas.

Do ponto de vista científico, a ansiedade vem sendo estudada na modalidade da educação infantil (MUNIZ; FERNANDES, 2016; OLIVEIRA; SISTO, 2002), no ensino médio (SOARES; MARTINS, 2010; VAZQUEZ *et al.*, 2022) superior

(ALMEIDA *et al.*, 2022; BERNARDELLI *et al.*, 2022; LANTYER *et al.*, 2016; PAIXÃO *et al.*, 2022) e, inclusive, envolvendo o ensino de idiomas (DEWAELE; MACINTYRE, 2022). A respeito, Serinolli, Oliva e El-Mafarjeh (2015) destacam o alto número de distúrbios de ansiedade, além do consumo de drogas, depressão e até mesmo casos de suicídio, em estudantes da área de medicina quando comparados com a população geral.

2.3.1 Sistema avaliativo e a ansiedade

A ansiedade durante o processo avaliativo se apresenta através de seus instrumentos corriqueiros com provas, exames, testes e concursos (BZUNECK; SILVA, 1989). A avaliação é parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, conforme consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (BRASIL, 1996). Apesar da verificação de conceitos diferentes acerca da avaliação, que divergem e interligam os sentidos (VASCONCELLOS, 1995; LUCKESI, 2005; LIBÂNEO, 2017), pode-se preceituar a definição de Hoffman (1996) ao considerar a avaliação como uma relação dialógica com um processo de conhecimento na apropriação recíproca do saber entre estudante e professor.

Cabe destacar os tipos de avaliações presentes no ambiente escolar, a saber: somativa, formativa e diagnóstica. Todas têm a sua importância para os meios avaliativos. A somativa tem por principal função atestar, realizando um levantamento de verificação, informando e classificando o estudante ao final de um período (SILVA, 2020). No que se refere a formativa, é considerado um processo contínuo de acompanhamento do ensino e aprendizagem possibilitando contribuir no progresso do aprendizado (PILETTI, 2010). Já a diagnóstica, é realizado um inventário dos estudantes, para que dessa forma possa direcionar o processo de ensino e aprendizagem mais adequado de acordo com o perfil peculiar dos alunos, visando intermediar estratégias e conteúdos (GIL, 2012).

Sendo assim, Fragelli, (2015) evidencia que um dos desencadeantes de ansiedade no contexto educacional seria a avaliação na modalidade somativa, comum no ensino e aprendizagem tradicional, sendo a mais frequente no meio acadêmico.

Assim, tendo em vista os estudos articulando a ansiedade e o contexto acadêmico, Karino e Laros (2014) desenvolveram dois instrumentos, considerando a competição, a cobrança social e pessoal e a possibilidade de fracasso enquanto fatores que poderiam tornar a situação de prova um evento estressante e gerador de ansiedade, sendo: (1) Inventário de Ansiedade frente a Provas (IAP) e (2) Inventário de Ansiedade Internamente e Externamente Causada (IAIEC). Portanto, dada a importância em ampliar a compreensão acerca da temática, o estudo ora apresentado avaliou a ansiedade em estudantes com a utilização destes dois instrumentos de coleta de dados, compondo o Método a seguir.

3 MÉTODO

3.1 Delineamento

Este estudo obedeceu a natureza da pesquisa básica, com enfoque quantitativo, com corte transversal, sendo do tipo correlacional (*ex post facto*) entre as medidas de ansiedade frente a provas (variável consequente) e de ansiedade internamente e externamente causada (variável antecedente).

3.2 Participantes

A amostra foi do tipo não probabilística, por conveniência, composta por 90 estudantes dos cursos técnicos (modalidade subsequente) e dos cursos superiores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) - *Campus Ipojuca*.

Os estudantes foram em sua maioria do sexo feminino (67,8%). A idade média dos participantes foi de 26,16 anos (DP= 8,844; amplitude de 18 a 57 anos), sendo a maior parte (57,8%) pertencentes à faixa etária dos 18 aos 23 anos. A maioria dos estudantes eram solteiros (75,6%) e 63% afirmaram não ter filhos. Do total de participantes que trabalham (35,6%), 66,7% exercem suas funções fora de casa. No que diz respeito a classe socioeconômica, a maior parte disse que pertencia à classe média baixa (65,6%). A religião evangélica/protestante foi a que obteve o maior percentual nesta amostra. Os estudantes do curso de Licenciatura

em Química compuseram a maior parte desta pesquisa (31,1%). Demais informações e categorias levantadas, são apresentadas na Tabela 1.

Os critérios de inclusão estabelecidos nesta pesquisa são: (1) estudantes devidamente matriculados nos cursos envolvidos; (2) serem maiores de 18 anos; (3) preencher todas as partes do questionário coletado de modo online. Quanto aos critérios de exclusão: (1) participante que recusar, em qualquer momento, a participar do estudo; (2) participante que não assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); (3) participante que apresentasse dificuldades cognitivas ou emocionais no momento da aplicação do questionário.

Tabela 1 – Distribuição de frequência dos dados sócios demográficos (n= 90)

Variável	Categoria	Frequência	Percentual (%)
Sexo	Masculino	29	32,2
	Feminino	61	67,8
	Outro	0	0
Qual a sua idade? (em intervalos)	18 a 23	52	57,8
	24 a 29	12	13,3
	30 a 35	9	10,0
	36 a 41	10	11,1
	42 a 47	5	5,6
	54 a 59	2	2,2
Qual seu estado civil?	Solteiro(a)	68	75,6
	Casado(a)/convivente	19	21,1
	Divorciado(a)	2	2,2
	Outro	1	1,1
Qual a sua religião?	Católica	19	21,1
	Cristã	24	26,7
	Evangélica/Protestante	30	33,4
	Outras	6	6,6
	Nenhuma religião	10	11,1
Você acredita que faz parte de qual classe socioeconômica?	Baixa	28	31,1
	Média baixa	59	65,6
	Média alta	3	3,3
	Alta	0	0
Possui filhos?	Sim	27	30
	Não	63	70

Você está trabalhando atualmente?	Sim	32	35,6
	Não	58	64,4
Se você está trabalhando, informe onde.	Em casa	8	22,2
	Fora de casa	24	66,7
	Em casa e fora de casa	4	11,1
Em qual curso você está matriculado?	Técnico em Automação Industrial	10	11,1
	Técnico em Construção Naval	0	0
	Técnico em Petroquímica	3	3,3
	Técnico em Química	24	26,7
	Técnico em Segurança do Trabalho	22	24,4
	Engenharia Mecânica	3	3,3
	Licenciatura em Química	28	31,1
Qual módulo/período você está cursando?	1	32	35,6
	2	8	8,9
	3	11	12,2
	4	15	16,7
	5	3	3,3
	6	3	3,3
	7	8	8,9
	8	7	7,8

Fonte: A Autora (2022)

Nota: Destaques em negrito para as maiores frequências.

3.3 Instrumentos

Os participantes responderam aos dois instrumentos construídos e validados no contexto brasileiro por Karino e Laros (2014):

(1) *Inventário de Ansiedade Frente a Provas (IAP)*, enquanto medida de ansiedade relacionada à preocupação, emoção, distração e falta de confiança. Este instrumento é composto de quatro fatores:

- a) *Emoção*, constituído por 14 itens (por exemplo, “fico com o coração batendo acelerado”, “me sinto apreensivo”; $\alpha = 0,90$);
- b) *Preocupação*, contendo 10 itens (por exemplo, “fico preocupado com a possibilidade de reprovação”; $\alpha = 0,86$);
- c) *Distração*, com 6 itens (por exemplo, “facilmente perco minha linha de raciocínio”; $\alpha = 0,87$);

d) *Confiança*, composto por 5 itens (por exemplo, “confio no meu desempenho”; $\alpha = 0,93$).

(2) *Inventário de Ansiedade Internamente e Externamente Causada* (IAIEC) que avalia a ansiedade proporcionada pela preocupação de atender expectativas, formado por dois fatores:

a) *Causas internas*, contendo 10 itens (por exemplo, “eu terei dificuldades para superar uma possível reprovação”; $\alpha = 0,86$).

b) *Causas externas*, composto por 9 itens (por exemplo, “podem duvidar da minha capacidade”; $\alpha = 0,89$).

Os dois inventários foram respondidos em uma escala *Likert*, sendo o IAP com cinco pontos de 1 = não descreve minha situação no momento à 5 = descreve perfeitamente a minha condição; e o IAIEC com os extremos de 1 = discordo totalmente à 5 = concordo totalmente. De modo a complementar as informações, também foi utilizado um questionário sociodemográfico construído pelas pesquisadoras, incluindo variáveis padrão (sexo, idade, estado civil e classe socioeconômica) e outras que poderiam interferir na ansiedade (se está ou não trabalhando, se tem filhos, religião e curso).

3.4 Procedimento e aspectos éticos

O procedimento da coleta de dados foi realizado e adequado ao contexto de pesquisa online (via documento no *Google Forms*). Após a autorização da coleta de dados pela direção da instituição participante (IFPE – Campus Ipojuca), os estudantes foram convidados via e-mail institucional e por aplicativo de mensagens (*WhatsApp*) pela pesquisadora responsável pelo estudo, com a supervisão da orientadora da pesquisa. Os questionários foram de autoaplicação, de modo individual, cujas respostas foram observadas unicamente pelos autores (discente e professora orientadora) deste trabalho científico. Por tratar-se da especificidade de uma coleta online, estimou-se 15 minutos como tempo necessário para conclusão, não havendo respostas certas ou erradas.

Foram garantidos todos os preceitos éticos das pesquisas realizadas com seres humanos (RESOLUÇÕES nº466/2012 e nº510/2016 do Conselho Nacional de Saúde [CNS]). Junto ao questionário constava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Informou-se aos participantes o objetivo geral do estudo, indicando que se tratava de analisar a ansiedade diante das avaliações e a ansiedade proporcionada pela preocupação de atender expectativas em estudantes dos cursos técnicos subsequentes e superiores. Enfatizou-se o caráter sigiloso, anonimato e os riscos e benefícios (diretos e indiretos). Foi assegurado a possibilidade de desistência em qualquer momento da coleta e de solicitar a exclusão do material da pesquisa. Ressaltou-se que os dados coletados nesta pesquisa por intermédio de questionário online, serão divulgados¹ apenas em eventos científicos e publicações em artigos e que ficariam armazenados em pastas de arquivo, sob a responsabilidade da pesquisadora, pelo período mínimo de 5 (cinco) anos.

3.5 Tabulação e análises de dados

A tabulação foi computada inicialmente no Microsoft Office Excel 2010, tendo em vista as especificidades da coleta em pesquisa online. Na sequência, os dados foram transportados para o *software* IBM SPSS *Statistics* 23. Utilizaram-se estatísticas descritivas (medidas de tendência central, dispersão e distribuição de frequência) principalmente para caracterizar os participantes do estudo. O coeficiente r de Pearson foi utilizado para a correlação entre as variáveis descritas nos objetivos específicos deste estudo. Também foram realizados testes de análise multivariada de variância (MANOVA) como forma de comparar as médias das condições sociodemográficas dos participantes e os fatores dos dois instrumentos de medida utilizados. Uma análise de variância de uma via (*one way* ANOVA) com medidas repetidas foi efetuada para verificação dos fatores que seriam avaliados como os mais prováveis de ansiedade frente a provas e das causas externas e internas.

¹Informa-se que este artigo se encontra devidamente cadastrado na Plataforma Brasil, base nacional de registros de pesquisas envolvendo seres humanos do sistema CEP/Conep. Sendo assim, os resultados aqui levantados serão divulgados, unicamente, após a sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisas envolvendo seres humanos.

4 RESULTADOS

4.1 Correlações bivariadas (*r* de Pearson)

Com a finalidade de cumprir os objetivos deste trabalho, foram realizadas correlações bivariadas (*r* de Pearson). Para tanto, considerou-se as possíveis relações entre os fatores do IAP e do IAIEC, como se apresenta na Tabela 2.

Tabela 2 – Matriz de correlação das escalas IAP e IAIEC

Fatores	Emoção	Preocupação	Confiança	Distração	Causas Externas	Causas Internas
Emoção	-					
Preocupação	,647**	-				
Confiança	-,494**	-,534**	-			
Distração	,658**	,568**	-,421**	-		
Causas Externas	,508**	,537**	-,476**	,467**	-	
Causas Internas	,480**	,603**	-,450**	,484**	,732**	-

Fonte: A Autora (2021)

Nota: ** $p < 0,01$; Valores em negrito com correlações significativas.

Em conformidade com a Tabela 2, foram constatadas correlações significativas ($p < 0,01$), superior a 0,30, entre todos os fatores das escalas IAP e IAIEC, variando de -0,421 a 0,732, sendo a maioria constituídas de relações diretas. O maior coeficiente observado foi entre os fatores relacionados às causas internas e externas pertencentes ao IAIEC ($r = 0,732$). A propósito, realizaram-se outras análises de correlação, incluindo as variáveis sociodemográficas. Foram identificadas treze relações significativas, demonstradas na Tabela 3.

Tabela 3–Correlação entre os fatores da IAP, IAIEC e as variáveis sociodemográficas

Fator	Variável	Correlação (r de Pearson)
Emoção	Emprego	0,300**
	Sexo	0,212*
	Idade	-0,211*
Preocupação	Emprego	0,212*
Confiança	Emprego	-0,237*
	Curso	0,233*
Distração	Emprego	0,215*
	Filhos	0,211*
Causas externas	Emprego	0,232*
	Idade	-0,213*
Causas internas	Filhos	0,246*
	<i>Estado civil</i>	-0,245*
	Idade	-0,291**

Fonte: A Autora

Nota: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

De acordo com a Tabela 3, foi possível constatar correlações de todos os fatores dos inventários com as variáveis sociodemográficas emprego (estar ou não trabalhando), sexo, idade, filhos, curso e estado civil. Especificamente, observou-se que a variável emprego foi a que se correlacionou com mais fatores, sendo cinco no total (emoção, preocupação, confiança, distração e causas externas). Porém, apenas com confiança a relação foi indireta ($r = -0,237$). A variável idade também requer atenção, já que demonstrou se correlacionar indiretamente com os fatores emoção ($r = -0,211$), causas externas ($r = -0,213$) e internas ($r = -0,291$). Por outro lado, a variável filhos obteve correlação direta com os fatores distração ($r = 0,211$) e causas internas ($r = 0,246$).

4.2 Análise multivariada de variância (MANOVA)

Oportunamente, tendo em vista as correlações em maior número com a variável emprego, buscou-se conhecer as possíveis diferenças nos fatores do IAP e do IAIEC, sendo realizadas comparações mediante análise multivariada de variância (MANOVA). A princípio, todas as variáveis sociodemográficas foram testadas (sexo, idade, estado civil, classe socioeconômica, se está trabalhando, se tem filhos, religião e curso), enquanto preditoras que poderiam exercer algum tipo de influência nas respostas.

Após a análise, verificaram-se resultados significantes, comprovando que há efeito do emprego (Lambda de *Wilks* = 0,84; $F(6, 83) = 2,58$; $p < 0,05$). Não foram constatados efeitos nas demais variáveis sociodemográficas. Assim, testes univariados indicaram a existência das diferenças descritas na Tabela 4.

Tabela 4– Resultados dos testes univariados das comparações entre a variável emprego, a ansiedade frente a provas e a ansiedade internamente e externamente causada

Variáveis testadas	Resultados dos testes univariados
Emprego Emoção	$F(1, 88) = 8,70$; $p < 0,01$
Emprego Preocupação	$F(1, 88) = 4,15$; $p < 0,05$
Emprego Confiança	$F(1, 88) = 5,26$; $p < 0,05$
Emprego Distração	$F(1, 88) = 4,27$; $p < 0,05$
Emprego Causas externas	$F(1, 88) = 4,99$; $p < 0,05$
Emprego Causas internas	$F(1, 88) = 0,25$; $p > 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Destaque em negrito para os resultados dos testes univariados com significância estatística.

Conforme a Tabela 4, identificam-se os resultados significativos do emprego (estar ou não trabalhando) com a emoção, preocupação, confiança, distração e causas externas. Apenas as causas internas não obtiveram significância estatística. As médias das diferenças destes resultados constam na Tabela 5.

Tabela 5– Médias das diferenças entre o emprego, a ansiedade frente a provas e a ansiedade externamente causada

Variáveis testadas	Média (M)	Média (M)
	Está trabalhando	Não está trabalhando
Emprego Emoção	2,30	3,06
Emprego Preocupação	3,15	3,58
Emprego Confiança	2,76	2,28
Emprego Distração	2,42	2,95
Emprego Causas externas	2,84	3,36

Fonte: Elaboração própria.

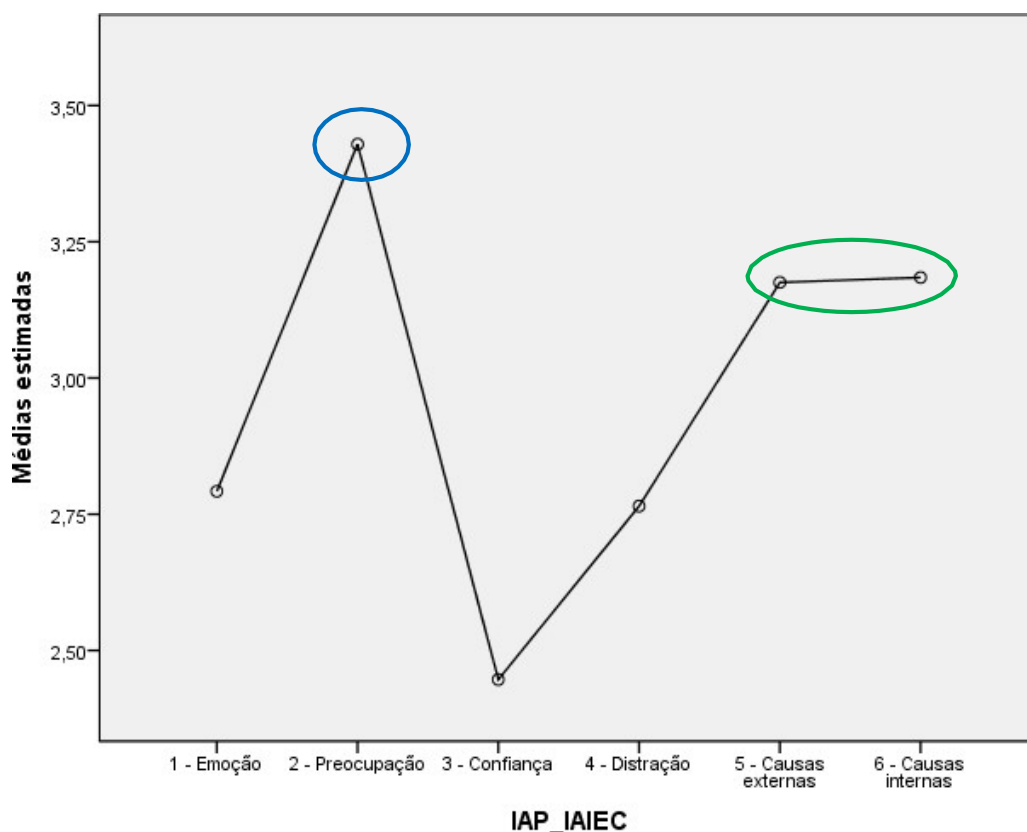
Nota: Destaque em negrito para as maiores médias.

Precisamente, as médias apresentadas na Tabela 5 demonstram que as pessoas que não estavam trabalhando (sem emprego no momento da coleta de dados) foram mais prováveis em indicar a emoção ($M = 3,06$), a preocupação ($M = 3,58$), a distração ($M = 2,95$) da ansiedade frente a provas. Também foram os que não estavam trabalhando que mais atribuíram as causas externas da ansiedade ($M = 3,36$). Salienta-se, contrariamente, que os participantes que estavam trabalhando mostraram-se mais prováveis na confiança ($M = 2,76$) da ansiedade frente a provas.

Por fim, de modo complementar e considerando a importância de conhecer quais fatores foram avaliados pelos respondentes como sendo os mais prováveis de ansiedade, foi realizada uma análise univariada (ANOVA) de uma via com medidas repetidas. Após teste de *Mauchly* de esfericidade das variâncias das diferenças ($W = 0,42$; $p < 0,001$), a ANOVA revelou diferenças significativas entre as médias dos fatores do IAP ($F(1,86, 165,77) = 14,231$; $p < 0,001$). Os testes *post hoc* de *Bonferroni* indicaram que os participantes classificaram o fator preocupação como o mais provável de ansiedade frente a provas ($M = 3,43$), a emoção e a distração de forma intermediária ($M = 2,79$ e $2,76$, respectivamente) e a confiança como o menos indicativo ($M = 2,45$). Tais diferenças podem ser verificadas no diagrama a seguir

(Figura 1), sendo o eclipse azul demonstrando a maior média do fator preocupação e o eclipse verde indicando não haver diferenças significativas entre os fatores do IAIEC (ANOVA com $p > 0,05$).

Figura 1 – Diagrama das médias estimadas nas medidas repetidas



5 DISCUSSÃO

Inicialmente, nos resultados dos coeficientes de correlação, pôde-se constatar que a aplicação dos instrumentos em outros grupos, reforça a permanência da validade de critério das medidas ao comparar com os resultados obtidos nas versões originais de Karino e Laros (2014).

Cabe destacar que a relação entre todos os fatores com o fator confiança do IAP foram indiretas. Esse resultado corrobora com uma relação do fator confiança direcionada com a ideia de ansiedade, ou seja, quanto maior a preocupação, distração e emoção, menor o grau de confiança (ansiedade frente a provas). Do mesmo modo, o fator confiança obteve relações indiretas com os fatores do IAIEC.

Portanto, supõe-se que quanto maior a interferência de fatores externos e internos, menor o grau também de confiança no tocante à ansiedade.

Ademais, a correlação entre os fatores de causas externas e internas apresentaram um coeficiente elevado ($r = 0,732$), ratificando a ideia de que o atributo da expectativa pode ser proveniente de ambiente externo, mas também do comportamento do estudante. Esse resultado se apresenta consoante quando comparado aos estudos anteriores com o IAIEC, por exemplo em Karino (2010) com $r = 0,67$ e em Prost et al. (2008) com $r = 0,74$.

No que concerne ao fato da variável emprego (estar ou não trabalhando) ter sido a que mais se correlacionou com os fatores, Karino e Laros (2014) reforçam a condição prevista em processos seletivos nos quais as habilidades são testadas e a prova de desempenho pode ser um forte gerador de ansiedade. Considerando que o fator confiança possui uma relação inversa com o construto ansiedade frente a provas, é plausível o resultado de relação indireta, por se tratar de uma visão de autoconfiança, afirmam os autores. Nota-se, igualmente, a importância da relação direta do emprego com os fatores externos, já que este é composto pela preocupação do que outras pessoas vão pensar ou achar (KARINO; LAROS, 2014; PROOST *et al.*, 2008).

Nessa linha, também foram averiguados nos testes univariados da MANOVA, cujas médias destacaram as diferenças entre as pessoas que estavam ou não trabalhando. Considerando que as médias das pessoas que não estavam trabalhando foram maiores na emoção, preocupação, distração da ansiedade frente a provas e nas causas externas da ansiedade, conjectura-se a ideia de que estar trabalhando pode afastar os indivíduos de quadros de ansiedade, haja vista que estes obtiveram maior média em confiança. Assim, a condição de não estar trabalhando poderia ser um preditor de ansiedade por ser uma situação de incertezas, desafios de prova de desempenho, habilidades e conquistas.

Ainda relativo ao ponto anterior, pode-se acrescentar os resultados indicados nas correlações com a variável idade, apesar de não terem apresentado significância estatística na MANOVA. Tal efeito poderia demonstrar uma possível intensificação de ansiedade a depender da faixa etária (quanto menor a idade, maior a ansiedade no contexto acadêmico), sobretudo, nos mais jovens por terem que administrar as competências e desafios para enfrentar a entrada no mercado de

trabalho e as habilidades exigidas nos processos seletivos (DEWAELE; MACINTYRE, 2022). Segundo, Paixão et al., (2022), um dos problemas associados aos transtornos mentais em estudantes, com destaque para a ansiedade, é a qualidade e o equilíbrio de suas ocupações. Por exemplo, pessoas com mais idade que trabalham, têm filhos, estudam, poderiam conseguir realizar uma série de ocupações diferentes e mesmo assim manter o equilíbrio entre ser ativo e improdutivo. Já os mais jovens ou com menos compromissos familiares e laborais, poderiam não conseguir esse equilíbrio ocupacional por tenderem à procrastinação.

Outra questão diz respeito ao resultado encontrado com a variável filhos, que obteve correlação direta com os fatores distração e causas internas. De acordo com Frota *et al.* (2022), o apego interfere na ampliação de quadros ansiosos, tendo em vista o contexto do afastamento da figura de apego, comum nos transtornos ansiedade de separação. Em crianças e adolescentes, a ansiedade é direcionada, geralmente, a cuidadores, pais e outros membros da família. Por outro lado, em adultos, normalmente há o direcionamento do apego para o parceiro ou filhos. Logo, as ausências, as tarefas domésticas e/ou acadêmicas, as cobranças e responsabilidades, poderiam levar a uma preocupação mais elevada dos pais que estudam, favorecendo as distrações (dificuldade de concentração, raciocínio, pensar em eventos do cotidiano etc.). Além do mais, considerando as causas internas, justifica-se também a correlação com filhos, pois esse tipo de ansiedade faz menção às sensações provindas de cobranças internas, buscando atender às próprias expectativas, como sentimentos de incapacidade, falta de disciplina e não conseguir cumprir com as obrigações (FRAGELLI, 2015; KARINO; LAROS, 2014).

Finalizando as discussões dos resultados, destacam-se os achados referentes à análise univariada (ANOVA), na qual se constatou o fator preocupação como o mais provável de ansiedade. A manifestação ansiosa depende da percepção da situação que impõe um desafio. Portanto, trata-se de um estado vinculado aos processos cognitivos, ou seja, o aspecto cognitivo da ansiedade (MCCARTHY; GOFFIN, 2005). Sendo assim, a preocupação excessiva configura um dos principais critérios de diagnóstico dos transtornos de ansiedade (APA, 2014). Coerentemente, o resultado encontrado indica a importância da preocupação como sendo o maior preditor de quadros ansiosos, em especial, quando há medo e apreensão com os

resultados negativos derivados do fracasso ou mau desempenho em avaliações (GONZAGA; ENUMO,2018).

Bzuneck e Silva (1989) em uma clássica referência acerca da ansiedade em estudantes, já ressaltavam que muitos acadêmicos apresentam alta ansiedade, de forma ocasional, em qualquer avaliação. Entretanto, o que constitui uma preocupação educacional são os indivíduos portadores de ansiedade de prova como predisposições relativamente estáveis, tornando todas as avaliações a que se submetam como algo debilitante para o desempenho. Isto posto, é fundamental que novas pesquisas possam ampliar o conhecimento sobre o efeito cognitivo da preocupação no desenvolvimento de sintomas de ansiedade, acima de tudo, nas reações que demonstram seu aspecto patológico.

Pressupõe-se que com o advento das aulas remotas (online) vivenciadas durante a pandemia pelo Covid-19, possa se ter desenvolvido uma maior flexibilidade nas aplicações e aferição de provas. Nesse sentido, a ansiedade tenderia a diminuir. No entanto, os resultados ora apresentados indicam a permanência da ansiedade nos estudantes. Para Schmidt et al. (2020), o contexto pandêmico desajustou o emocional de alguns indivíduos, consequentemente, a educação também foi afetada.

Ademais, faz-se necessário apontar possíveis limitações, sobretudo, por tratar-se de uma pesquisa científica passível de indagações, de vieses amostrais, além de que algumas variáveis não foram incluídas. Neste sentido, (a) a amostra foi composta por estudantes pertencentes a uma única instituição acadêmica, o que não permite assegurar a representatividade em termos das características da população-alvo (SHAUGHNESSY; ZECHMEISTER; ZECHMEISTER, 2012) e do contexto brasileiro. Além do mais, indica-se que estudos futuros possam contar com uma amostra mais ampla e mais diversificada, incluindo estudantes de outras áreas de conhecimento, podendo assim compará-los. Porém, neste estudo observou-se o aumento da média de idade dos participantes para 26,16 anos, ou seja, acima da média de 17 anos verificada no estudo original de Karino e Laros (2014), o que pode contribuir para a confirmação da validade dos instrumentos em grupos distintos; (b) Também foram utilizadas medidas de autorrelato, o que pode gerar dados diferentes da realidade. Portanto, sugere-se o desenvolvimento de estudos qualitativos e/ou

experimentais, possibilitando o conhecimento do fenômeno da ansiedade acadêmica nas suas especificidades.

No tocante às direções futuras, indica-se que estudos futuros possam considerar outros construtos para fins de comparação e análise de possíveis preditores. Por exemplo, a personalidade tem apresentado uma relação consistente com a ansiedade em estudantes. Nos resultados apresentados por Santos Júnior et al. (2016), averiguou-se que entre os traços de personalidade pertencentes ao modelo do *Big Five*, o neuroticismo teve a correlação positiva mais significativa com níveis graves de ansiedade, enquanto amabilidade se relacionou com níveis mais leves. Outra indicação importante, é o estudo da relação entre ansiedade e autoestima. Lima et al. (2017), afirmam que alterações nos níveis de ansiedade e autoestima, pode levar estudantes a dificuldades de aprendizado, necessitando muitas vezes de intervenções. Além disso, sugere-se a ampliação do conhecimento sobre a influência da autorregulação para a ansiedade, conforme visto em Rosário et al. (2004) ao apresentar resultados correlações positivas entre a ansiedade e os processos auto-regulatórios dos estudantes, bem como alertado em Silva, A. S. (2021). Ainda é necessária uma discussão que envolva a ansiedade no cenário da informação digital, haja vista as grandes transformações vivenciadas após o estabelecimento mundial do ensino e trabalho de modo online, como consequência do período pandêmico (COSTA; PINTO; OLIVEIRA, 2022).

6 CONCLUSÃO

O objetivo geral deste trabalho foi verificar a relação entre a ansiedade diante das avaliações e a ansiedade pela preocupação em atender às expectativas em estudantes de cursos técnicos e superiores. Os dados observados evidenciam informações robustas acerca da ansiedade e a importância de que estudos futuros possam ampliar a compreensão sobre a temática. Além do mais, reforça-se a necessidade de comparação com outros construtos que contribuam para o entendimento dos aspectos comportamentais, cognitivos e afetivos vinculados à ansiedade no contexto acadêmico.

Prontamente, de acordo com os dados aqui apresentados, supõe-se que os objetivos foram alcançados. Assim, os resultados indicaram, principalmente: (1)

Correlações significativas entre os fatores do IAP e do IAIEC, sendo o maior coeficiente entre os fatores relacionados às causas internas e externas pertencentes ao IAIEC. A variável emprego foi a que se correlacionou com mais fatores. Porém, apenas com confiança a relação foi indireta. Ressaltou-se também a atenção para as variáveis idade e filhos; (2) Nas análises multivariadas (MANOVA) identificou-se os resultados significativos do emprego (estar ou não trabalhando) com a emoção, preocupação, confiança, distração e causas externas. As médias das diferenças demonstraram que as pessoas que não estavam trabalhando foram mais prováveis em indicar a emoção, preocupação, distração e causas externas da ansiedade. Os participantes que estavam trabalhando mostraram-se mais prováveis na confiança da ansiedade frente a provas; (3) A análise univariada (ANOVA) de uma via com medidas repetidas comprovou que os participantes classificaram o fator preocupação como o mais provável de ansiedade frente a provas.

Por fim, espera-se que este estudo seja útil para a comunidade científica, para os indivíduos, especialmente aqueles envolvido no contexto educacional. Também se almeja que os resultados e explicações ora apresentados sirvam para valorizar a saúde mental no ambiente acadêmico, assim como intensificar os processos de prevenção, intervenção e o aperfeiçoamento das práticas docentes em sala de aula, ampliando o conhecimento, promovendo melhorias no ensino-aprendizagem e gerando, conseqüentemente, o êxito na formação profissional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. B. et al. ACT em grupo para manejo de ansiedade entre universitários: ensaio clínico randomizado. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, e235684, 1-17, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/yGxLsnhGbypt6m93Bvs4Vzy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 maio 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)**, 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BERNARDELLI, L. V. *et al.* A ansiedade no meio universitário e sua relação com as habilidades sociais. **Avaliação**, v. 27, n. 01, p. 49-67, 2022.

BRAGA, et al. Ansiedade patológica: bases neurais e avanços na abordagem psicofarmacológica. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 14, n. 2, 93-100, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs/article/view/>

Instituto Federal de Pernambuco. *Campus Ipojuca*. Curso de Licenciatura em Química. (Aprovação do artigo em 14/07/2022).

8207/5320. Acesso em: 06 abr. 2022.

BRANDÃO, M.L. **Psicofisiologia**: bases fisiológicas do comportamento. São Paulo: Atheneu, 2001.

BRASIL. **Lei Nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 24 jul. 2022.

BZUNECK, J. A.; SILVA, R. O problema da ansiedade nas provas; perspectivas contemporâneas. **Semina**, v.10, 190-195, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/9184>. Acesso em: 15 jun. 2022.

CARMO, J. S.; SIMIONATO, A. M. Reversão de ansiedade à matemática: alguns dados da literatura. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, 317-327, 2012.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). **Resolução CNS nº 466 de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 10 set. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). **Resolução CNS nº 510 de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

COSTA, T.; PINTO, V. B.; OLIVEIRA, H. P. C. Elementos informacionais nos instrumentos de avaliação da ansiedade. **Revista de Saúde Digital e Tecnologias Educacionais**, v. 7, número especial III, p. 114-128, 2022.

COUTINHO, F. C.; DIAS, G. P.; BEVILAQUA, M. C. N. História. In: NARDI; QUEVEDO; SILVA (orgs.). **Transtorno de Pânico - teoria e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2013. cap. 1, p. 17–26.

CROCQ, M. A. A history of anxiety: from Hippocrates to DSM. **Dialogues Clinical Neuroscience**, v. 17, n. 3, p. 319-25, 2015.

DEWAELE, J-M.; MACINTYRE, P. Do flow, enjoyment and anxiety emerge equally in English foreign language classrooms as in other foreign language Classrooms? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 22, n. 1, p. 156-180, 2022.

FERNANDES, M. A. et al. Transtornos de ansiedade: vivências de usuários de um ambulatório especializado em saúde mental. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 11, n. 10, p. 3836-3844, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/25366>. Acesso em: 04 dez. 2021.

FERREIRA, F. C. S. O transtorno de ansiedade (TA) na perspectiva da psicanálise. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 02, p.118-128, 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/transtorno-de-ansiedade>. Acesso em: 24 mar. 2022.

FRAGELLI, R. R. Trezentos: aprendizagem ativa e colaborativa como uma alternativa ao problema da ansiedade em provas. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**. v. 6, supl. 2, p.860-872, 2015. Disponível em: <https://www.fag.edu.br/novo/arquivos/nucleo/nad/metas.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2022.

FROTA, I. J. *et al.* Transtornos de ansiedade: histórico, aspectos clínicos e classificações atuais. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 10, n. 1, p. 1-8, 2022.

GAZZANIGA, M.; HEATHERTON, T.; HALPERN, D. **Ciência psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

GIL, A. C. **Didática do ensino superior**. 7. reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

GONZAGA, L. R. V.; ENUMO, S. R. F. Lidando com a ansiedade de provas: avaliação e relações com o desempenho acadêmico. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, v. 38, n. 95, p. 266-277, 2018.

GUIMARAES, A. P. L.; HAASE, V. G.; NEUFELD, C. B. Cognitive-behavioral intervention for math anxiety in childhood: a case report. **Dementia & Neuropsychologia**, v. 15, n. 2, p. 286-290, 2021.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação Mediadora**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

KARINO, C. A. **Avaliação do efeito da ansiedade no desempenho em provas**. 2010. xvii, 156 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

KARINO, C. A.; LAROS, J. A. **Ansiedade em situações de provas**. Psico – USF, Bragança Paulista, v. 19, n.1, p.23-36, 2014.

LANTYER, A. S. *et al.* Ansiedade e Qualidade de Vida entre Estudantes Universitários Ingressantes: Avaliação e Intervenção. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 18, n. 2, p. 4 -19, 2016.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2017.

LIMA, B. V. B. G., *et al.* Avaliação da ansiedade e autoestima em concluintes do curso de graduação em enfermagem. **Revista de Enfermagem UFPE online**, Recife, v. 11, n. 11, p. 4326-4333, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/13440/24678> Acesso em: 15 jun. 2022.

LÓPEZ-IBOR, J. J., LÓPEZ-IBOR, M.I. Anxiety and logos: Toward a linguistic analysis of the origins of human thinking. **Journal of Affective Disorders**, v. 120, n. 1-3, p. 1-11, 2010.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 17.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MCCARTHY, J. M.; GOFFIN, R. D. Selection test anxiety: exploring tension and fear of failure across the sexes in simulated selection scenarios. **International Journal of Selection and Assessment**, v. 13, n. 4, 282-295, 2005.

MULLER, J. L. *et al.* Transtorno de ansiedade social: um estudo de caso. **Contextos Clínicos**, v. 8, n. 1, p. 67-78, 2015.

MUNIZ, M.; FERNANDES, D. C. Autoconceito e ansiedade escolar: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 3, p. 427-436, 2016.

OLIVEIRA, S. M. S. S.; SISTO, F. F. Estudo para uma escala de ansiedade escolar para crianças. **Psicologia escolar e educacional**, v. 6, n. 1, p. 57-66, 2002.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (PAHO/OMS). The Burden of Mental Disorders in the Region of the Americas. Washington, D.C.: PAHO, 2018. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/49578/9789275120286_eng.pdf?sequence=10&isAllowed=y. Acesso em: 20 nov. 2021.

PAIXÃO, G. M. *et al.* Occupational participation, stress, anxiety and depression in workers and students from Brazilian universities during the COVID-19 pandemic. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 30, e2952, 2022.

PILETTI, C. **Didática Geral**. 24.ed. São Paulo: Ática, 2010.

PILZ, L. K. *et al.* Effective recommendations towards healthy routines to preserve mental health during the COVID-19 pandemic. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 44, n. 2, p. 136-146, 2022.

PROOST, K. *et al.* Selection test anxiety: investigating applicants' self- vs. other-referenced anxiety in a real selection setting. **International Journal of Selection and Assessment**, v. 16, n. 1, p. 14-26, 2008.

ROSÁRIO, P. *et al.* Ansiedade face aos testes e auto-regulação da aprendizagem: variáveis emocionais no aprender. **Psicologia e Educação**, v. 3, n. 1, 2004. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/11861>. Acesso em: 20 jan. 2021.

RUIZ, J.; CUADRADO, A.; RODRIGUEZ, J. **Transtorno de angustia**: Crisis de pánico y agorafobia en atención primaria. Barcelona: Ill Masson, 2001.

SANTOS, F. A. et al. Relationship of anxiety and stress in academic performance in evaluations under active methodology. **Research, Society and Development**, v. 10, n.9, p. e15810917843, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17843>. Acesso em: 19 abr. 2022.

SANTOS JÚNIOR, J. A. S. et al. Relação entre traços de personalidade e ansiedade em estudantes universitários. **Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente**, v. 4, n. 3, p.51-62, 2016.

SCHMIDT, B. et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 37, e200063,2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SERINOLLI, M. I.; OLIVA, M. P. M; EL-MAFARJEH, E. Antecedente de ansiedade, síndrome do pânico ou depressão e análise do impacto na qualidade de vida em estudantes de medicina. **Revista de Gestão em Sistemas de Saúde**, v. 4, n. 2, p. 113-126, 2015.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de Pesquisa em Psicologia**. 9.ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2012. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=8580551013>. Acesso em: 27 ago.2018.

SILVA, A. C. S. et al. Relação entre vivência acadêmica e ansiedade em estudantes universitários. **Revista Contextos Clínicos**, v. 14, n. 2, p. 563-587, 2021. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/issue/view/899>. Acesso em: 17 abr. 2022.

SILVA, A. S. **A autorregulação da aprendizagem em estudantes de cursos presenciais das áreas de química quando inseridos em um contexto online**. 2021. 95f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Química) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Ipojuca, PE, 2021.

SILVA, J. J. **Avaliação escolar no componente curricular química**: concepções e práticas de docentes do Ensino Médio. 2020. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Química) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Ipojuca, PE, 2020.

SOARES, A. B.; MARTINS, J. S. R. Ansiedade dos estudantes diante da expectativa do exame vestibular. **Paidéia**, 20, 57-62, 2010. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5652:folha-informativa-transtornos-mentais&Itemid=839. Acesso em: 15 maio 2020.

SOARES, B. A.; MONTEIRO, M. C. L. M.; SANTOS, Z. A. Revisão Sistemática da Literatura sobre Ansiedade em Estudantes do Ensino Superior. **Contextos Clínicos**, v. 13, n. 3, p. 992-1012, 2020.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação**: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 1995.

VASCONCELOS, T. C. *et al.* Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 39, n. 1, p. 135- 142, 2015.

VAZQUEZ, D. A. *et al.* Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19. **Saúde Debate**, v. 46, n. 133, p. 304-317, 2022.

VIANA, M. B. **Mudanças nos conceitos de ansiedade nos séculos XIX e XX: da Angstneurose ao DSM-IV**. 2010. 206 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFScar, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4780>. Acesso em: 08 de abr. 2022.